

ARTIGOS

DIAS DE COPA DO MUNDO NO BRASIL: 1950 ENTRE RIO E SÃO PAULO

Estefânia Knotz Canguçu Fraga¹

Luciano Deppa Banchetti²

Resumo: A Copa do Mundo no Brasil, como foi possível perceber mais recentemente no ano de 2014, ressalta mais ainda as diferenças que o futebol cotidianamente insiste em nos evidenciar. No caso da Copa do Mundo de 1950, o conflito entre dirigentes e a imprensa do eixo Rio - São Paulo deixou claro uma intensa disputa pela hegemonia entre as duas regiões não somente no campo futebolístico. Esses embates, por sua vez, foram responsáveis, em grande parte, por eventos - como a própria Copa do Mundo, o IV Centenário da Cidade de São Paulo -, por construções - os estádios do Maracanã e do Morumbi - e pela configuração de um símbolo que está entre os mais significativos do que se entende por nação brasileira: a Seleção de futebol. É o que aqui se procura destacar.

Palavras-chave: Futebol; Copa do Mundo; Rio de Janeiro; São Paulo; Rivalidade.

DAYS OF WORLD CUP IN BRAZIL: 1950 BETWEEN RIO AND SÃO PAULO

Abstract: *The World Cup in Brazil, as we could percept recently in the year of 2014, highlights the differences that soccer insists to show us. In the case of 1950's World Cup the conflict between soccer managers on one side and the press of Rio Janeiro and São Paulo on the the other side, clearly shown the intense dispute for hegemony between these two cities not only on the fields of soccer. The results of this rivalry could be seen in huge events like World Cup itself and the Fourth Centenary of São Paulo City. More importantly, the rivalry during this period could be also seen on the build of two brazilian great soccer stadiums, Maracanã at Rio de Janeiro and Morumbi at São Paulo and in the consolidation of the National Soccer Team as a remarkable symbol of brazilian nation. That is what this article tries to highlight.*

Key-words: *Soccer; World Cup; Rio de Janeiro; São Paulo; Rivalry.*

¹ Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e docente da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). E-mail: <ekfraga@uol.com.br>.

² Mestre em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). E-mail: <deppa04@gmail.com>.

Do “trágico” para o emblemático

No início da segunda metade do século XX, uma importante trajetória, recheada de algumas alegrias e fortes decepções, já levava clubes e selecionados brasileiros a certo reconhecimento no cenário futebolístico mundial. Porém, sem medo de errar, pode-se afirmar que somente as conquistas que vieram nas Copas do Mundo de 1958, 1962 e 1970 é que marcaram o nome do futebol brasileiro como imprescindível para o universo desse esporte. A partir daí, as equipes que representavam o país passaram a ser reconhecidas como executantes de um futebol que conseguia aliar à competitividade uma estética reconhecidamente bela e empolgante, além de vencedora. Tais fatores acabaram por configurar a Seleção Brasileira e o futebol praticado no país como um dos maiores símbolos da nação para os próprios brasileiros e para o mundo.

Dessa forma, o tricampeonato tratou-se de vitórias tão almeçadas quanto comemoradas e repercutidas a ponto de mexer com o imaginário dos mais ou menos interessados pelo chamado “esporte das multidões”, dentro e fora do país, entre os mais diversos grupos socioculturais. Até mesmo entre acadêmicos, como foi o caso do historiador Eric Hobsbawm que em uma de suas mais importantes publicações fez um questionamento em tom desafiador: “e quem, tendo visto a seleção brasileira em seus dias de glória, negará sua pretensão à condição de arte?”³

Sendo assim, neste artigo busca-se o período imediatamente anterior ao das grandes conquistas da Seleção Brasileira com o objetivo de se compreender como se criaram as condições para a formação dessa narrativa de futebol brasileiro que se tornou tão emblemática.

Os dias de envolvimento com a Copa do Mundo FIFA de 1950 - competição sediada no Brasil e organizada por uma parceria entre a CBD (Confederação Brasileira de Desportos), as autoridades locais e a FIFA (Fédération Internationale de Football Association) - podem ser entendidos como um momento em que se tornaram bem visíveis as rivalidades dentro da estrutura que envolvia o futebol do país. Ao alternar apresentações notáveis, em que os ânimos explodiam em otimismo extremos, com jogos não tão felizes e, por fim, o revés, a Seleção Brasileira possibilitou a criação de um discurso que adjetivava como trágica a situação. A partir de então, surgiram possibilidades para novos questionamentos que abririam o caminho para mudanças.

³ HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. 2. ed. São Paulo: Cia das Letras, 1995, p. 197.

Diante do êxito esperado e não obtido se estruturaram novos projetos para a Seleção Brasileira. Tais novidades não apareceram sem conflitos, obviamente. Redirecionamentos apenas vieram à tona depois de muitos embates, principalmente entre os envolvidos com o futebol que faziam parte do eixo Rio de Janeiro - São Paulo. Regiões que, ao longo do século XX, haviam dominado as decisões políticas desse esporte no cenário nacional.⁴

Sendo assim, a “tragédia”, como foi classificada por muitos a derrota da seleção brasileira em 16 de julho de 1950, está diretamente relacionada às ações de impacto que foram tomadas pelos dirigentes logo em seguida.

Não foram poucas, nem amenas, as críticas recebidas. A comoção popular diante da derrota foi habilidosamente captada pela pena da imprensa e não apenas pela imprensa esportiva. Aqueles que estavam envolvidos de alguma forma com a CBD, fazendo parte dela ou a apoiando, a partir daí sofreram pressões cada vez mais intensas de grupos adversários que passavam a apontar defeitos e, ao mesmo tempo, novos caminhos. A derrota frente aos uruguaios tornava o momento apropriado para se pressionar por mudanças tanto na equipe que representava o país como nos próprios rumos da CBD.

Para entender tal movimento um viés interessante abre-se ao lermos as páginas dos jornais e revistas que não apenas noticiavam, mas também comentavam e polemizavam sobre o desenrolar da Copa do Mundo no Brasil, sobretudo percebendo o olhar dos jornalistas na construção das narrativas sobre os jogos da Seleção Brasileira.

Além da leitura da bibliografia específica, o uso como fonte de pesquisa dos textos de alguns colunistas publicados em jornais e revistas, tanto do Rio de Janeiro quanto de São Paulo, são essenciais. Como principal referência da imprensa paulista utiliza-se aqui *A Gazeta* e sua coluna de esportes assinada por Thomaz Mazzoni. Tratava-se do principal periódico esportivo paulista, um dos mais importantes do Brasil, com alcance bem expressivo, pois “buscava ser muito mais popular, no sentido de se aproximar do leitor das classes populares através de temas que pudessem seduzi-lo.”⁵

Já com relação ao Rio de Janeiro é dada ênfase à revista *O Cruzeiro*. Uma publicação de largo alcance regional e nacional, que não se furtava em trazer uma significativa abordagem a respeito do futebol; uma revista semanal que gozava de grande popularidade e que se dava a um desafio que ela mesma se propunha, ou seja, “deixar o leitor informado do

⁴ NEGREIROS, Plínio José Labriola de. *A Nação entra em campo: futebol nos anos 30 e 40*. 1998. Tese (Doutorado em História Social), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1998; FRANZINI, Fábio. A futura paixão nacional: chega o futebol. In: MELO, Victor Andrade de; DEL PRIORE, Mary (Orgs.). *História do esporte no Brasil*. São Paulo: UNESP, 2009, p. 107-131.

⁵ NEGREIROS, op. cit., 1998, p. 55.

que realmente aconteceu”, uma espécie de “guardiã da verdade”.⁶ Um periódico que também abria espaço para nomes influentes de outras áreas que se pronunciavam, inclusive, a respeito do futebol, como foi o caso de Gilberto Freyre, Raquel de Queirós e Ary Barroso.⁷ Em suas reportagens e comentários, os jornalistas especializados no esporte, em *O Cruzeiro*, muito se aproximavam das posições desses nomes consagrados no cenário cultural da época, como foi o caso de David Nasser.

Dias de Copa: fissuras expostas

Durante os jogos da Copa de 1950 evidenciou-se pela imprensa uma disputa muito intensa entre Rio de Janeiro e São Paulo. Facilmente pode ser notado por parte de dirigentes e dos colunistas de jornais e revistas um embate para estabelecer - ou não - São Paulo como mais que um mero coadjuvante diante de um Rio de Janeiro que abarcava os principais jogos e, como se insistia em ressaltar, tinha também o “maior estádio do mundo”, o Maracanã.

Pelos lados do que na época ainda era o Distrito Federal, no êxtase decorrente da Copa do Mundo de 1950, em meio às vitórias arrasadoras, sob o clamor de uma verdadeira multidão que superlotava, a cada partida, o gigantesco estádio municipal, os meios de comunicação cariocas primeiro faziam campanhas pedindo a presença do público, depois elogiavam a participação dos torcedores considerando-os uma força decisiva para as boas atuações da Seleção Brasileira. Além disso, aproveitavam para glorificar os habitantes da cidade que passavam a ser vistos, de modo geral, como representantes do que seria um verdadeiro ideal de brasilidade e que se faziam presentes num monumento, o Maracanã, propício para abrigar espetáculos da envergadura de uma Copa do Mundo FIFA. Enfim, descrevia-se uma festa nacional que, pontualmente, a todo tempo era lembrada na imprensa como um acontecimento que só se tornou possível na cidade do Rio de Janeiro.⁸

Já, em São Paulo havia outra tendência o que claramente evidenciava um intenso conflito regionalista que extrapolava o futebol, mas que, naquele momento de Copa do Mundo e de paixões futebolísticas à flor da pele, tornava-se ainda mais latente.

⁶ BAITZ, Rafael. *Um continente em foco: a imagem fotográfica da América Latina nas revistas semanais brasileiras (1954-1964)*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2003, p. 23.

⁷ FRAGA, Gerson Wasen. *“A derrota do Jeca” na Imprensa brasileira: nacionalismo, civilização e futebol na Copa do Mundo de 1950*. Porto Alegre, 2009. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

⁸ MOURA, Gisela de Araújo. *O Rio corre para o Maracanã*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 36; FREITAS Jr., Miguel Arcanjo de. *No meio do caminho: tensões presentes nas representações sobre o futebol e o ideal de modernidade brasileira na década de 1950*. 2009. Tese (Doutorado em História), Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2009, p. 60-61.

A Seleção Brasileira já havia vencido o selecionado mexicano na estreia, no Maracanã, pelo confortável placar de 4 a 0 e agora viajava de sua concentração no Rio de Janeiro para, em São Paulo, disputar a segunda partida do campeonato mundial. Era grande a euforia, porém, o estádio do Pacaembu, com suas arquibancadas tomadas por mais de 42 mil torcedores, viu o selecionado brasileiro apenas empatar em 2 a 2 com a equipe suíça. Não foram pequenas as dificuldades enfrentadas pela equipe nacional diante do sistema tático chamado *ferrolho*: “A retranca suíça, quatro linhas e a novidade de um jogador sem obrigação de marcar um adversário específico e encarregado de ser a última cobertura.”⁹

Como consequência desse placar considerado muito negativo para as pretensões da equipe no certame, a imprensa de São Paulo passou a conjecturar e a trazer denúncias de que dirigentes e jogadores da Seleção Brasileira sentiam-se, no mínimo, desconfortáveis em gramados paulistas, já que não foram poucas as críticas para o que foi considerado como certa acomodação dos jogadores e do técnico, não por acaso, todos pertencentes ao futebol do Rio de Janeiro. Comportamento exatamente oposto ao alardeado pela crônica do Distrito Federal para com o torcedor carioca, pois entusiasticamente tecia elogios ao envolvimento e apoio para com a equipe.¹⁰

Tal situação se discutiu reiteradamente após a decisiva vitória na partida seguinte, em que a equipe se sobrepôs a uma possível eliminação em que havia ficado exposta após o empate no Pacaembu. Vitória por 2 a 0 diante dos iugoslavos que veio numa tarde de sábado, dia 1º de julho, diante das arquibancadas do gigantesco Estádio do Maracanã, lotado com a presença de 155 mil pessoas – uma multidão que jamais havia sido vista em um jogo de futebol.¹¹ Era, a partir daí, enorme o entusiasmo. Finalmente, a vitória e a atuação da equipe convencia opinião pública em geral.

Nos dias que antecediam o início da fase final do certame, *A Gazeta* se pronunciava em tom de resposta ao discurso geral que surgia dos veículos de imprensa carioca: “Ganhamos porque jogamos exatamente diferente do que fizemos no Pacaembú” e, em seguida, explicava:

Em São Paulo a seleção foi de uma lentidão, de um desânimo único. No Rio, o conjunto brasileiro, foi todo alma, todo coração, todo desejo de triunfo. [...] Veio a partida demonstrar que não foi o Pacaembú quem ‘travou’ os movimentos do quadro; não foi a torcida paulista que não apoiou o quadro.

⁹ FRANCO Jr., Hilário. *A dança dos deuses: futebol, sociedade e cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 240.

¹⁰ MOURA, op. cit., 1998, p. 80.

¹¹ DUARTE, Orlando. *Todas as Copas do Mundo*. São Paulo: Votorantim, 1987, p. 85.

Nada disto. Foi a própria falta de vontade dos jogadores, foi o excesso de confiança que quase levou o Brasil ao abismo inevitável de uma derrota.¹²

Por outro lado, o empate entre a Seleção Brasileira e a suíça, no Pacaembu, acabou por fornecer argumentos que passariam a ser utilizados pela CBD para justificar a decisão em *mandar* - conforme jargão futebolístico - todos os demais jogos da Seleção Brasileira no Rio de Janeiro.

De modo geral, a imprensa carioca passou a lembrar da sequência de reveses sofridos nos últimos anos em jogos importantes da Seleção Brasileira ocorridos no estádio do Pacaembu. Resultados adversos como a derrota em 4 a 3 para o selecionado da Argentina, na Copa Roca de 1945 e, ainda na fase de preparação, a partida na Taça Rio Branco frente aos uruguaios - 4 a 3 para os adversários - e o empate em 3 gols da equipe B com os paraguaios. Partidas que eram enumeradas pelos jornais do Distrito Federal como fortes exemplos do quanto os jogos da Seleção Brasileira em terras paulistas não eram auspiciosos.

Insistia-se neste discurso de tal modo que as vaias que se fizeram ouvir nas arquibancadas do Pacaembu acabavam silenciadas nas páginas da imprensa carioca. Por outro lado, os aplausos no estádio do Maracanã ganhavam amplo destaque:

A rivalidade Rio-São Paulo é explorada pelos jornais da capital, que incentivavam a torcida carioca a se unir aos jogadores em prol da vitória. Os torcedores paulistas não haviam sabido agir pelo bem da seleção, vaiando os jogadores ao invés de ampará-los; os cariocas compareceriam ao Maracanã para levar o time à vitória, exercendo seu papel de 12º jogador. Assistir ao jogo não seria apenas um prazer ou uma diversão, mas um dever patriótico.¹³

A partir desse momento, a mensagem que se lia e ouvia a partir da capital federal era a de que o modelo ideal não só de jogador brasileiro, mas de torcedor - que também seria o brasileiro modelar - era o do público que, em massa, compareceu ao monumental Maracanã. Logo, era o torcedor carioca que com seu incentivo impulsionava e dava forças ao selecionado brasileiro. A imprensa do Distrito Federal reforçaria essa ideia, a cada partida da Copa:

São três adversários já bem conhecidos por todos nós. Conhecemos portanto a responsabilidade que ainda pesa sobre os ombros. Não seria nada de mais solicitar do maior público reunido numa praça de esportes - o público carioca, voltar ao gigante do Maracanã, e como das vezes anteriores, incentivar, sofrer, para depois repetir aquele espetáculo dos lenços brancos, já tão característico entre nós.¹⁴

¹² *A Gazeta*, 4 de julho de 1950, p. 19.

¹³ MOURA, op. cit., 1998, p. 80.

¹⁴ *O Cruzeiro*, 15 de julho de 1950, p. 26.

Ao mesmo tempo em que em São Paulo se reclamava da falta de jogadores paulistas no quadro da Seleção Brasileira, do empate no Pacaembu e da difícil relação entre torcida e Seleção Brasileira, tal situação, se fazia proveitosa para o desejo mais particular de alguns grupos. É o caso da campanha para a construção de um novo estádio na cidade de São Paulo, pois, diante da monumentalidade do Maracanã, o Pacaembu já não atendia às necessidades paulistas para acolher campeonatos.

Para se argumentar a favor de tal ideia, justificativas eram elaboradas de modo a eximir até mesmo a CBD da questão da rivalidade política entre Rio de Janeiro e São Paulo:

Não faltaram aqueles que condenaram a atitude da C. B. D., programando os restantes dos jogos da equipe brasileira para o Estádio Municipal do Rio de Janeiro, em prejuízo da ‘torcida’ paulista [...]. No entanto, justiça se faça à entidade manter, neste caso. [...] possuímos aqui um estádio que hoje é a quarta parte do Estádio do Rio. O Pacaembu hoje nos causa vergonha ante a imensidão do ‘monumental’ carioca. Perdemos aquele direito inegável que tínhamos de enveredar pelo lado financeiro nas discussões das razões entre paulistas e cariocas. [...] Deixemos que o Brasil jogue por lá mesmo. É a triste situação de quem, no momento, está por baixo. O melhor será que hoje mesmo comecemos uma intensa campanha no sentido de que nossos poderes constituídos dotem São Paulo de uma praça de esportes da categoria que o general-prefeito ergueu no Rio de Janeiro. São Paulo tem público, para um estádio de duzentas mil pessoas e, como Estado líder da Federação, não pode absolutamente viver à sombra daquela insignificância que se chama: Estádio Municipal do Pacaembu.¹⁵

Assim, a coluna *Últimas* - assinada por Paulo Planet Buarque, sempre em acordo com as orientações do editor-chefe Thomaz Mazzoni - não se furtava a comparar a dimensão e o valor político que vinham do estádio municipal do Rio de Janeiro. Fazia questão em dizer que São Paulo ficava impossibilitado de seu maior poder de argumentação nas constantes pendengas contra o seu vizinho, ou seja, ficava destituído daquele “direito inegável que tínhamos de enveredar pelo lado financeiro nas discussões das razões entre paulistas e cariocas”. Dessa forma, Paulo Planet Buarque, acabava por pressionar as autoridades públicas da cidade e do estado a começarem se movimentar nos meandros da política local e nacional no sentido de facilitar a construção de um estádio maior, em substituição ao já existente.

Era o início das discussões, que culminariam, anos depois, na construção do Estádio do Morumbi, aquele que seria o maior estádio particular do mundo. Momentos iniciais de uma campanha, levada à frente pelo próprio jornalista Paulo Planet Buarque que, como repórter de *A Gazeta Esportiva*, cobria o dia-dia do São Paulo F. C. - instituição proprietária daquele estádio. Ao inaugurá-lo, em 1960, foi batizado o com o nome do presidente em exercício entre os anos de 1947 e 1957, Cícero Pompeu de Toledo.

¹⁵ *A Gazeta*, 5 de julho de 1950, p. 18.

A construção do estádio do Morumbi demoraria alguns anos. Porém, através de outros meios, as diversas lideranças paulistas se mobilizavam para responder às iniciativas cariocas, que atingiam enorme sucesso com a Copa do Mundo. Mesmo durante o evento futebolístico, os jornais traziam reportagens que procuravam demonstrar o quanto São Paulo era desenvolvida, destacando diversos elementos que transmitiam a imagem de uma capital pujante, detentora de números únicos, que mostravam força econômica e política.

A urbanização, tudo indica, em resposta ao significativo símbolo que o Maracanã já havia se tornado, ganhou atenção das autoridades. Sistemáticamente, a Fundação Cásper Líbero, através do jornal *A Gazeta* e *A Gazeta Esportiva* dava ampla cobertura ao Campeonato Mundial, divulgou, naqueles mesmos dias de Copa, notícias em que se discutiam e difundiam projetos de urbanização da cidade.

Surgiam campanhas como a encabeçada pelo engenheiro, empresário e vereador, Henrique Dumont Villares, para realizações no plano urbano da cidade, que o jornal fazia questão de apoiar, destacando positivamente o envolvimento do prefeito Lineu Prestes.¹⁶ Já, no intervalo entre as goleadas impostas pela Seleção Brasileira sobre os suecos e os espanhóis, ambas as partidas acompanhadas por uma multidão que chegaria próximo de 300 mil presentes no Maracanã, era estampado estrategicamente na capa de *A Gazeta* o plano urbanístico que se preparava para a cidade:

Tanto a Câmara Municipal, pelos seus vereadores, como o prefeito municipal, se acham empenhados na elaboração e adoção de um plano para o desenvolvimento da cidade. Nesse fito a prefeitura acaba de contratar os serviços de especialistas norte-americanos. Foram indicados pelo sr. Nelson Rockefeller, comprovado amigo do Brasil, e são verdadeiras sumidades no assunto de urbanismo [...].¹⁷

A ênfase, naquela terça-feira, era muito maior que a notícia de dias atrás e já se fazia questão de mencionar que a obra coincidia com a grandiosidade da cidade: “Reconhecemos que a Capital paulista constitui algo de estupidamente excepcional quanto ao seu desenvolvimento. [...] aumentou em quasi um milhão de habitantes nestes dez anos”. E, além disso, fazia-se questão de se destacar que as reformas se encaixavam perfeitamente no cronograma referente aos festejos do IV Centenário da Cidade de São Paulo que já eram seriamente cogitados:

Como quer que seja, reconhecendo os predicados do atual prefeito, vamos abrir um crédito de louvor a presente decisão [...]. Aproxima-se rapidamente o centenário da fundação da cidade, que se deve preparar o mais condignamente possível, para tão faustosa comemoração. Importa oferecer

¹⁶ “O plano de desenvolvimento de São Paulo”. In: *A Gazeta*, 7 de julho de 1950, p. 10.

¹⁷ *A Gazeta*, 11 de julho de 1950.

condigna moldura urbana para o espetáculo pelo qual naquele glorioso dia haveremos de sagrar, aos olhos do mundo, o mérito com que estamos honrando a dádiva de Anchieta e Nóbrega, de Ramalho e Caiuby e de todas as gerações que os seguiram.¹⁸

As notícias davam demonstração de que se desejava alcançar uma repercussão internacional do evento que, dali a quatro anos, deveria se realizar em comemoração aos quatrocentos anos da cidade de São Paulo. Trava-se de um discurso muito semelhante ao direcionado à Copa do Mundo de 1950 e à construção do Estádio Municipal do Rio de Janeiro que, simultaneamente, se materializava, naquele período de vitórias da Seleção Brasileira e de Maracanã lotado. Tal ideia lembrava também uma opinião que em dias anteriores o jornal havia veiculado a respeito dos festejos que envolviam o feriado de 9 de julho. Segundo o diário, a data deveria ser encarada muito mais como um evento de cunho nacional:

Amanhã, São Paulo inteiro reviverá, entre comemorações profundamente significativas, o movimento Constitucionalista de 1932. Será a recordação do acontecimento que repercutiu extraordinariamente no Brasil de após revolução outubrista. Há dezoito anos, era Piratininga a caserna de uma força de heroicidade e de heroísmo, lutando pelo retorno ao regime da lei, isto é, pela *recondução do país à estrada da democracia, da liberdade e do direito, da qual estrada o haviam desviado os defensores e os sustentadores do arbítrio governamental. Foi preciso que São Paulo se insurgisse*, dentro das humilhações sofridas, para restituir-se, à nacionalidade, todas as prerrogativas e franquias de que havia sido esbulhada pela política de erros e de incompreensões. *Não estão certos, portanto, aqueles que, ainda sob os influxos de equivocadas informações, consideram o 9 de julho como pronunciamento de caráter regionalista. Nada disso.*¹⁹

O plano das comemorações para o IV Centenário era traçado para dar demonstrações do quão desenvolvida e importante para a própria formação do Brasil eram a cidade e o estado de São Paulo. Ideia extremamente próxima das motivações que fizeram as autoridades cariocas se movimentarem, no sentido de construir o Estádio do Maracanã, para a realização da IV Copa do Mundo. Nesse sentido, o próprio jornal A Gazeta, naqueles mesmos dias de euforia futebolística, em outra de suas matérias de capa, não deixa dúvidas:

Aproxima-se rapidamente a data do 4º centenário da fundação da cidade. A gloriosa efeméride tem que receber portentosa comemoração, à altura de sua expressão e da própria realidade paulista. Há Comissão constituída e instalada para planejar, programar e realizar os festejos do faustoso jubileu. [...] *O tempo voa, quatro anos apenas nos separam de 25 de janeiro de 1954. E muita coisa há que não se pode fazer com a rapidez que o prefeito Mendes de Moraes imprimiu à factura do maior estádio do mundo para o presente certame futebolístico. Além de que os festejos comemorativos de*

¹⁸ A Gazeta, 11 de julho de 1950.

¹⁹ A Gazeta, 8 de julho de 1950, p. 8. [grifo nosso]

*São Paulo hão de ter muito maior amplitude e cenário que a disputa de um torneio esportivo.*²⁰

No dia seguinte ao empolgante jogo que ficou nos registros como o “*das toradas de Madri*”, em que os milhares de presentes no Maracanã se divertiam maravilhosamente com o punhado de 6 gols impostos sobre os espanhóis, parecia necessário, mais do que nunca, destacar que São Paulo seria capaz de construir edificações com menos pressa e, por isso, com maior eficácia que o Rio de Janeiro. Era também necessário dar a entender que o que estava ocorrendo no Distrito Federal tratava-se de um encontro meramente esportivo. Segundo o texto, algo aquém dos festejos do IV Centenário, estes sim, entendidos como uma verdadeira festa cívica. Inclusive, outra obra também concorria nesse sentido, a construção de uma catedral que seria também erguida no ano de 1954, no centro de São Paulo:

Uma obra, todavia parece caminhar com segurança nesse objetivo. É a nova catedral. [...] a santuária construção vai esboçando promissora as características monumentais com que imprimirá o selo espiritual à comemoração natalícia da obra social, étnica e religiosa que Nobrega e Anchieta inauguraram no planalto de Piratininga. [...] Bem andam os poderes públicos, do Estado e do Município, que levam o contingente de sua ajuda eficaz à obra que tão cabalmente exprima, aos olhos do mundo, em 1954, a pujança material, a sublimação estética e espiritual da civilização criada nesta parte do mundo por uma raça de gigantes ao serviço infatigável de uma portentosa grandeza nacional.²¹

Sem dúvida, a relação Rio-Copa do Mundo, para os grupos hegemônicos paulistas, incomodava. O Maracanã era o monumento da força política do Distrito Federal e São Paulo tinha, sob esse ponto de vista, a obrigação de superá-lo. Nem que fosse pela catedral religiosa. Aliás, para o discurso paulista a exaltação de um tradicionalismo católico, era bastante apropriada. Para o Rio ficava algo supostamente menor: o monumento esportivo.

Porém, chegou o dia 16 de julho e com ele a derrota da Seleção Brasileira. Nesse momento, a situação para os grupos paulistas, principalmente para os que estavam ligados diretamente ao futebol, se alterou para uma posição muito mais cômoda. As críticas à Seleção, mais que isso, aos dirigentes cariocas da CBD, proliferaram nos meios de comunicação paulistas. Fazia-se questão, inclusive, de noticiar incidentes envolvendo uma população carioca descrita como revoltada com o ocorrido. Como o fizeram os jornais *A Gazeta* e *Folha da Tarde*:

ENTERRO SIMBOLICO – O povo carioca continua indignado com a derrota sofrida [...]. Ainda ontem, sérios incidentes se verificaram na Capital

²⁰ *A Gazeta*, 14 de julho de 1950. [grifo nosso]

²¹ *A Gazeta*, 14 de julho de 1950.

da República, quando o povo realizou o enterro simbólico do nosso ‘onze’. Tudo passa...²²

Rio, 19 - A cidade ainda continua vivendo momentos de vibração em consequência do inesperado revés da seleção brasileira. Em todos os cantos veem-se grupos e, nas paredes de muitos prédios do centro da cidade, aparecem fixados cartazes, dísticos, artigos de populares e recortes de jornais comentando amargamente o fracasso da equipe nacional. Mas, a revolta aparece melhor exteriorizada na tentativa de agressão, por parte de populares, de que foram alvos os vascaínos Chico e Barbosa, o primeiro, na Praça Tiradentes, e o segundo, na Galeria Cruzeiro. Todavia, conseguiram eles refugiar-se em estabelecimentos comerciais, evitando o desforro pessoal dos exaltados.²³

Mesmo fora dos cadernos de esportes dos jornais de São Paulo, sobretudo, naquele momento após a derrota vivida no gramado do Maracanã, era oferecido espaço para as opiniões em torno da Copa do Mundo de 1950, a maioria revestida de um tom de crítica e carregada de propostas de mudanças. Críticas não apenas aos mandos e desmandos na Seleção Brasileira e no futebol do país, mas também com relação ao caráter nacional dado ao evento. Alguns passaram até a questionar se esse atributo abrangente, oferecido a ponto de abarcar toda a nação, realmente existiu. Nesse sentido, escrevia o departamento carioca de *A Gazeta* em sua coluna *Bilhetes do Rio*:

Não podemos afirmar – como o fizeram vários cronistas e repórteres – que o Campeonato Mundial haja interessado o Brasil inteiro. [...] foi um exagero. Houve, sim, interesse grande, exaltação e paixão, nas Capitais e nas cidades maiores. Agora, aquilo com que não é possível a gente concordar é com a demasia de importância que se deu ao torneio futebolístico em relação ao civismo e ao nacionalismo. O prélio tomou ares de beligerância. Os mais entusiastas lhe conferiram uma gravidade, da qual pendia a salvação ou a perdição do Brasil. Não houve o mesmo entusiasmo quando a FEB partiu, para vindicar, com sangue, o atrevimento nazi-fascista, que desrespeitaria a soberania nacional. [...] São bastante conhecidas as tropelias havidas na aquisição de entradas e localização da assistência no bojo do monstro de Maracanã. [...] Tudo isso indica uma, não sabemos si assim poderíamos chamar, doença coletiva ou gregária, que se origina da transplantação de interesses, dos problemas fundamentais para os acessórios, com uma correlativa derivação de energias psíquicas.²⁴

Para o cronista, a situação passara ao grau de um problema de ordem da saúde pública, de uma sociedade que se encontrava contaminada. Mais especificamente, tratava-se de uma doença da sociedade carioca, pois, no restante do Brasil, o cronista não identificava o mesmo interesse. As “tropelias” teriam sido exclusividade do Rio de Janeiro em torno de um estádio que passava, naquele momento, a ser adjetivado como “monstruoso”. Uma espécie de aberração.

²² *A Gazeta*, 19 de julho de 1950, p. 15.

²³ *Folha da Tarde*, de 20 de julho de 1950.

²⁴ *A Gazeta*, 25 de julho de 1950, p. 4.

O mesmo texto, em seguida, ainda tecia críticas a respeito do uso dos símbolos pátrios no campo de futebol, o que passava a ser encarado como mais um sintoma doentio. Era visto como um exagero causado por homens influentes – representados por um anônimo escritor – causadores de “distúrbios” psíquicos no restante da população – evidentemente, carioca – ao depositarem tanta importância em um jogo de futebol:

Um cronista estrangeiro observou essa paixão nossa pelo futebol, estranhando-a. Cronistas brasileiros, mesmo, assinalaram o extemporâneo e descabido uso do hino nacional no campo de futebol. E têm razão. Pensamos que qualquer símbolo nacional deve permanecer estranho a tudo que não condisser diretamente com o civismo e patriotismo. E houve um escritor, doente por futebol, que, ao sair do Estádio, no dia da derrota, balbuciou, triste e cabisbaixo: ‘Desgraça maior não nos poderia ter acontecido!’. Feliz pátria a que tem tido, ou sempre terá, como a maior de suas desgraças, uma infeliz partida de futebol... Nem as secas do nordeste valem o infortúnio da Taça do Mundo! Não somos contra o futebol. Acharo-lo um esporte interessante. [...] Que o futebol fique, porém, no seu lugar, e não venha subverter a escala de valores e causar distúrbios à psicologia de boa parte dos homens.²⁵

Personagens influentes de diversos setores, não apenas do universo futebolístico, se manifestaram, questionando a postura de dirigentes da CBD, em relação à administração da Seleção Brasileira e também com relação à ênfase vista como exagerada ao apelo proposto através dos jogos envolvendo os representantes brasileiros; um apelo advindo, sobretudo, de parte de líderes políticos e intelectuais, que tanto clamaram pela participação dos torcedores nos momentos de vitórias e alegria, e que não puderam deixar de fazer o mesmo na hora da derrota e da tristeza.

Não há dúvida que o formador de opinião exemplar, que tornou-se um dos alvos preferidos nessas críticas ao que se via como exageros da Copa do Mundo, era José Lins do Rego. O documento acima, ao se referir ao “escritor doente por futebol” que “balbuciou triste e cabisbaixo”, já fornece todas as condições para se deduzir isso. Porém, o excerto de uma crônica que segue adiante é ainda mais direto, citando o próprio nome do literato:

Por que considerar o resultado do jogo com os uruguaios um desastre calamitoso? Dizem-me que houve gente que chorasse violentamente como si uma desgraça pessoal a tivesse ferido. Um jornal atribui ao fino literato que é Lins do Rego uma atitude dramática e uma frase trágica: ‘Meu Deus! Não poderia acontecer maior desgraça!...’. Não garanto pela autenticidade da frase. Mas no estado de espírito que se formou em torno dessa derrota, tudo seria possível. E é precisamente esse estado de espírito que me inquieta, porque ele revela uma total imaturidade afetiva para os embates frequentes da vida.²⁶

²⁵ *A Gazeta*, 25 de julho de 1950, p. 4.

²⁶ *A Gazeta*, 21 de julho de 1950, p. 3.

Menotti del Picchia manifestava-se também em uma direção não muito diferente da que até aqui se identifica. Em *Saber Perder*, em uma de suas colunas regularmente escritas para *A Gazeta*, o intelectual e líder político paulista propunha após o vice-campeonato:

Que a fatal razão que os fez entregar aos uruguaiois os louros da pugna seja objeto de calmo exame para uma racional educação dos nervos dos nossos desportistas, evitando-se que, em luta idêntica, interfira ela novamente como elemento da derrota.²⁷

Devemos sair da peleja com orgulho [...]. Adversários temíveis, de fama universal como os italianos e os ingleses foram abatidos logo de início. O Brasil ficou glorioso e forte, disputando até o final seu ponto de honra. A fatalidade lhe foi madrastra. Que fazer? Sorrir e Esperar. Esperar, jogar de novo e vencer. Preparamos em silencio as novas vitórias.²⁸

“Preparar a vitória” significava elaborar “uma racional educação dos nervos dos nossos desportistas”. Para isso, era necessário não apenas esperar, era preciso agir. O que, enquanto uns grupos o faziam em silêncio, outros, como eram de suas funções, procuravam causar alarde. Principalmente, quando se tratava de propor mudanças. E, imediatamente, uma mobilização surgia nesse sentido. Thomaz Mazzoni fazia cobranças, já visando a Copa de 1954:

Foi-se a ocasião de ouro, salvo si a sorte, depois de nos ter voltado as costas duas vezes tão ingratamente, quizer nos pagar tudo com justiça e retidão, fazendo a equipe brasileira culminar, em 1954, na casa alheia. Essa seria a única e grande recompensa para a ‘torcida’ brasileira. Não nos resta outra alternativa, sinão esperarmos, cheios de esperanças, até lá, mas que os erros e as lacunas não voltem a se repetir. [...] não basta somente a técnica para tão alto feito. Outros fatores positivos devem contribuir!²⁹

A própria imprensa carioca dava demonstrações de que algo deveria mudar. Indicações a esse respeito também oferecia o jornalista da revista *O Cruzeiro*, David Nasser:

É muito cômodo, nestes instantes amargos de perda definitiva, afastarmos toda a culpa do fracasso para um grupo de apenas 11 jogadores e um técnico. Quem lhes afivelou a máscara? Vocês, torcedores. Nós, jornalistas. Eles, do rádio. Todos, sem exceção, das gerais às arquibancadas, das cadeiras às tribunas. Criamos a lenda de sua invencibilidade e fizemos com que eles se esquecessem do ilógico no futebol. Foram os jogadores que mandaram bordar as faixas de campeões do mundo antes do jogo? Foi o técnico que publicou fotografias do quadro brasileiro com a legenda de campeões do mundo? Foram eles, os atletas e o dirigente, que gritaram por todos os microfones que não havia castigo, que não sairia do Brasil a Taça Jules Rimet, que os uruguaiois eram homens velhos e cansados? Fomos nós, os assistentes e observadores, os profetas da vitória que não veio. [...] Do Maracanã, da mágoa que nos deixou essa partida, da poeira e do amargor de

²⁷ *A Gazeta*, 21 de julho de 1950, p. 3.

²⁸ *A Gazeta*, 19 de julho de 1950, p. 15.

²⁹ *A Gazeta*, 19 de julho de 1950, p. 15.

um grande ‘team’ vencido por um quadro tecnicamente inferior, mas superior no entusiasmo, no sangue e na fibra, há de sair o futebol brasileiro que poderá fazer o mesmo que os uruguaios aqui fizeram, contra os prognósticos, contra a torcida, contra tudo. Da estúpida tarde no Maracanã, nascerá o futebol brasileiro sem máscaras.³⁰

O jornalista de O Cruzeiro, não deixou de frisar que a responsabilidade era de todos. Não citava os dirigentes especificamente, mas generalizava o suficiente para abarcá-los nas entrelinhas. Também não mencionava a questão do distúrbio psicológico em si, porém, dizia que o problema estava na “máscara”. Segundo Nasser, o clima de extremo otimismo, de vitória antecipada, cultuada por todos os que cercavam a Seleção Brasileira antes do jogo contra os uruguaios, havia repercutido mal entre os jogadores, tornando-os mascarados, ou seja, transformando aqueles exímios praticantes de futebol em atletas revestidos pela presunção, destituídos da gana necessária para disputar lance a lance a partida, pois acreditavam que a vitória viria a qualquer momento.

E na mensagem final, o cronista carioca, também dá mostras de que algo precisava mudar e que, em um futuro não muito distante, a Seleção Brasileira, entendida como representante do futebol brasileiro como um todo, renascida, finalmente conquistaria as vitórias almejadas.

Entre outras, uma das mudanças provocadas por esse processo que mais chama a atenção, mais emblemática e, por que não dizer, mais traumática, é a troca do uniforme da Seleção Brasileira. Ação que sugestivamente teria surgido como resposta às críticas e, porque não dizer, como meio para apagar fracassos que deveriam ser esquecidos pelos críticos e pela opinião pública. Assim, o já histórico uniforme da Seleção Cebedina seria deixado de lado. A camisa de cor branca utilizada desde a estreia, em 1914, até pouco depois do vice-campeonato de 1950, seria substituída pela verde e amarela. Assim, em poucos anos, a história da Seleção Brasileira da primeira metade do século XX, ficava para trás, já que após o tricampeonato mundial, tanto em âmbito nacional quanto mundial, o selecionado passaria a ser reconhecido pelo codinome *canarinho*.

Referências

Bibliografia

- BAITZ, Rafael. *Um continente em foco: a imagem fotográfica da América Latina nas revistas semanais brasileiras (1954-1964)*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2003.
- DUARTE, Orlando. *Todas as Copas do Mundo*. São Paulo: Votorantim, 1987.

³⁰ *O Cruzeiro*, 29 de julho de 1950, p. 14-20.

FRAGA, Gerson Wasen. “*A derrota do Jeca*” na *Imprensa brasileira*: nacionalismo, civilização e futebol na Copa do Mundo de 1950. Porto Alegre, 2009. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 2009.

FRANCO Jr., Hilário. *A dança dos deuses*: futebol, sociedade e cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FRANZINI, Fábio. A futura paixão nacional: chega o futebol. In: MELO, Victor Andrade de; DEL PRIORE, Mary (Orgs.). *História do esporte no Brasil*. São Paulo: UNESP, 2009.

FREITAS Jr., Miguel Arcanjo de. *No meio do caminho*: tensões presentes nas representações sobre o futebol e o ideal de modernidade brasileira na década de 1950. 2009. Tese (Doutorado em História), Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), 2009.

HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos*: o breve século XX: 1914-1991. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MOURA, Gisela de Araújo. *O Rio corre para o Maracanã*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

NEGREIROS, Plínio José Labriola de. *A Nação entra em campo: futebol nos anos 30 e 40*. 1998. Tese (Doutorado em História Social), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1998.

Fontes

A Gazeta, 4 de julho de 1950, p. 19.

A Gazeta, 5 de julho de 1950, p. 18.

A Gazeta, 7 de julho de 1950, p. 10.

A Gazeta, 8 de julho de 1950, p. 8.

A Gazeta, 11 de julho de 1950.

A Gazeta, 14 de julho de 1950.

A Gazeta, 19 de julho de 1950, p. 15.

A Gazeta, 21 de julho de 1950, p. 3.

A Gazeta, 25 de julho de 1950, p. 4.

Folha da Tarde, de 20 de julho de 1950.

O Cruzeiro, 15 de julho de 1950, p. 26.

O Cruzeiro, 29 de julho de 1950, p. 14-20.

Recebido em 12 de fevereiro de 2015; aprovado em 27 de maio de 2015.